

ORGASMOS POLITIZADOS, NATUREZAS INVERTIDAS: PRAZER, VIOLÊNCIA E HOMOEROTISMO NO *KAMA SUTRA*

POLITICIZED ORGASMS, INVERTED NATURES: PLEASURE, VIOLENCE AND HOMOEROTICISM IN THE *KAMA SUTRA*

Mariane Venchi¹

RESUMO

Este artigo examina o tratado erótico indiano denominado *Kama Sutra*, datado de 400 d.C, como fonte histórica e etnográfica relevante da perspectiva das relações de gênero e etnicidade, envolvendo ritos masculinos de solidariedade e competição e suas ansiedades sexuais, em narrativas entre o real e o imaginário. Notamos que as “crônicas de alcova” ali presentes, com ecos nos cultos a Shiva, sugerem em suas entrelinhas *zonas de exclusão discursiva* relativas à violência, nas quais a construção do desejo feminino dialoga com práticas abusivas incidindo sobre mulheres. Tais zonas de exclusão também implicam relatos de homoerotismo marcados por tabus e desigualdades de classe, entre servos e senhores.

PALAVRAS-CHAVE: erotologia hindu; violência; desigualdades de gênero e classe; homoerotismo.

ABSTRACT

This paper examines the Indian erotic manual *Kama Sutra*, from the 5th century AD, as an important historical and ethnographic document regarding gender and ethnicity relations, dealing with real/imaginary narratives which unveil male solidarity and competition rites and their own sexual anxieties. Among the “pillow talk” in its content, there can be seen echoes of Saiva worship and excluded discursive zones on the subject of violence, where the construction of female desire interacts with abusive practices on women. Those excluded zones also reveal homoerotic narratives determined by taboos and class inequalities, between servants and masters.

KEYWORDS: hindu erotology; violence; gender and class inequalities; homoeroticism.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na área de antropologia visual e estudos de gênero. Mestre em Antropologia Social pela Unicamp na temática *Gênero e Corporalidades*. E-mail: delveneto@lexxa.com.br. Registro no OrCID: 0000-0001-6130-3679.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

INTRODUÇÃO

“women are all alike, just like cooked rice. Therefore a man should not get angry with them nor fall in love with them, but just make love with them.”

Yashodhara,
(Jayamangala,
séc. XIII d.C)²

Yashodara foi um sábio de biografia desconhecida oriundo do norte da Índia e um comentador do manual erótico conhecido popularmente como *Kama Sutra* (KS), tratado do período Clássico da Índia que tornou-se célebre em países ocidentais, pois enfatizava a busca pelo prazeres da vida com ênfase na sexualidade. Foi através da tradução do oficial militar e diplomata inglês Sir Richard Francis Burton, que tal obra foi conhecida no século XIX (ver RICE, 1998)³. O livro era parte de um projeto mais amplo empreendido por Burton e seus outros colaboradores orientalistas, como Foster F. Arbuthnot, Henry Spencer Ashbee e Edward Rehatsek, que fundaram na época a editora *Kama Shastra Society*, incumbida de trazer ao público britânico (mais especificamente, a uma audiência rica, erudita e masculina) as obras literárias do então denominado “Oriente”. O livro foi lançado oficialmente na Inglaterra em 1883, e houve cópias ilegais contrabandeadas para Paris e Bruxelas, assim como para toda a Europa.

No entanto, a obra pioneira do inglês não vinha de um manuscrito original, e sim da adaptação de uma tradução do sânscrito convertida em inglês por um *pandit*⁴ chamado Bhagvanlal Indrajai, que fez um rascunho inicial; Burton lapidou a linguagem e inseriu suas próprias opiniões no decorrer do texto, incluindo ponderações sobre a necessidade de o homem agradar à mulher sexualmente, porém sem esquecer-se de sua própria autosatisfação (RICE, 1998)⁵. O prefácio e a introdução do britânico, no

² *Apud* Doniger, 2016, p. 75.

³ Burton já foi carinhosamente apelidado de “brilhante aventureiro e erotomaniaco” (ver SWEET, 2002, p. 77).

⁴ “Pandit”: em sânscrito significa sábio, professor, ou título concedido pelas universidades indianas.

⁵ Inicialmente, Arbuthnot, Rehatsek e Burton renovaram o Fundo de Traduções da *Royal Asiatic Society* para uma coleção de obras traduzidas dos idiomas “orientais” inéditas nos países ocidentais (ver RICE, 1998). Doniger (2016) adiciona que a tradução de Burton pode também ser atribuída a Arbuthnot e, além de Indrajai, haveria outro literato nativo envolvido na empreitada, Shivaram Parashuram Bhide.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

entanto, fornecem ao leitor dados históricos importantes sobre as origens dos manuscritos. Os chamados “aforismos sobre o amor” segundo a tradição local, foram atribuídos a um erudito chamado Vatsyayana ou “Sábio Vatsya”, uma referência da literatura erótica hindu. Porém, não seria o único tratado escrito até aquele período. Burton descobriu também o *Koka Shastra* ou *As doutrinas do amor de Koka*, composto de 800 versos que, presume-se, tenha sido escrito depois da época da Vatsya; *Os Cinco Arcos*, de Jyotrisha, poeta que compôs 600 versos sobre erotologia revelados pelos deuses, assim como outros documentos semelhantes escritos posteriormente. Todos teriam algo em comum: a divisão de homens e mulheres em categorias específicas obedecendo ao sistema de castas hindu com suas diferenças linguísticas e raciais, à maneira das classificações de história natural de Buffon (BURTON, 2006, p. ix).

Em suas pesquisas, o cronista britânico concluiu que não há uma origem precisa sobre a autoria da coletânea. Havia um consenso entre os *pandits* de que Vatsya era o autor principal que serviu de modelo para as obras posteriores sobre erotologia na língua sânscrita. Burton relata ter obtido uma cópia da obra em Bombaim (atual Mumbai), comparando-a com outras cópias obtidas em bibliotecas de Benares, Calcutá e Jaipur, a partir das quais ele realizou uma tradução única para a língua inglesa. O “Sábio Vatsya” podia ser Mallinaga ou Nirillana, sendo Vatsyayana seu sobrenome familiar. Informações autobiográficas foram encontradas esparsamente nos manuscritos, dizendo que o KS fora composto por um homem que seguira os preceitos védicos para o benefício do mundo. Podia ser um estudioso da religião em Benares totalmente envolvido na “contemplação da Divindade” (BURTON, 2006, p. xii) e, comparando com outros tratados, Burton fixou uma data entre o primeiro e o sexto século da Era Cristã. De acordo com a indóloga americana Wendy Doniger (2016), trata-se de um dos textos mais antigos do mundo sobre erotologia, datando-o de 400 d.C. Seu local de origem seria provavelmente Pataliputra (antiga Patna, na província atual de Bihar⁶).

A obra é composta por 7 livros com vários capítulos em cada parte, tratando de temas diversos sobre a arte da conquista amorosa. Em sânscrito, *kama* abrange

⁶ Pataliputra era uma cidade-metrópole importante dos Impérios Maurya e Gupta, com um fluxo regular de povos vindos da Grécia e de outros reinos da Índia, ligada por estradas até o delta do rio Ganges, conectando-se com a costa leste do continente e portos da Birmânia e do Sri Lanka. Era, portanto, um centro urbano de destaque econômico e cultural na época (THAPAR, 1990).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

definições como desejo, amor, prazer, sexo, boa comida, boa música, perfumes, arte etc. Também refere-se ao deus Kama, patrono da *sensualidade* que, nas narrativas hinduístas, aparece em uma estreita relação com Shiva, a divindade asceta relacionada à virilidade. Kama teria dito “- Shiva fez o Universo dando à luz ao Desejo, e eu fiz o Desejo para o prazer sexual de cada pessoa” (O’FLAHERTY, 1981, p. 171). As armas do deus da sensualidade são as flores, as mangas e as mulheres, e está sempre ocupado em fazer coisas “impróprias”, atrapalhando os ascetas que fizeram voto de castidade. Enquanto Kama surge tardiamente nas escrituras com ênfase na tradição oral e folclórica, Shiva é o grande objeto de devoção da religião hindu e, ao longo do texto, mostraremos a estreita relação dos mitos shivaístas com as fantasias sexuais presentes no KS.

Considerando esta compilação sobre a *ciência erótica* um registro significativo sobre os costumes de uma época, examino pontualmente algumas de suas narrativas, especulando as motivações sociais para a circulação de tais descrições, por quem, para quem foram escritas e com qual propósito, *intercalando texto e contexto* à maneira de uma etnografia histórica, propondo novas questões para um material deslocado de nosso tempo e espaço (EL FAR, 2004). O conteúdo ali presente diz respeito sobretudo a *ideais de masculinidade* e formas de obter-se poder através do sexo, expondo direta ou indiretamente desigualdades de gênero, violência sexual e ambiguidades homoeróticas que refletiam valores da sociedade hindu e na interação entre um grupo específico de pessoas. Uma leitura mais atenta mostra uma linha discursiva obedecendo a padrões restritivos de cunho moral e religioso, ao mesmo tempo ignorando proibições e regras contidas nas *Leis de Manu*⁷. Por se tratarem de textos pré-modernos, devemos considerar seu conteúdo passível de interpretações maleáveis, o que permite o uso de noções contemporâneas de erotismo, como *consentimento/abuso*, *prazer/dor*, *fantasia/realidade* (GREGORI, 2016).

Tal metodologia implica uma *aproximação de sentido* com tais conceitos baseada na “similaridade de experiências humanas” (VANITA, 2002, p. 5). No tocante

⁷ Referência principal da pré-moderna jurisprudência na Índia; base legal da religião dos hindus. Nomeada em sânscrito *Manavadharmasastra* ou *Manusmrti* (datando de 200 d.C), o título reduzido foi cunhado pelos ingleses para servir aos propósitos colonialistas de governar o território indiano, traduzindo *dharmashastra* ou “*sutras do dharma*” por “leis” (DONIGER; SMITH, 2000). Retornei a essa obra ao longo de minha digressão.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

a práticas sexuais do passado é necessário levar-se em conta um espectro de ideias, realidades materiais, historicidades em *constante fluxo de sentido*, como assim se apresenta a comunicação na convivência humana. O comportamento sexual é uma fonte importante de identidade e de autodefinição que interessa à abordagem antropológica, a partir do qual podemos apreender construções de ordem simbólica e política através do uso da linguagem das emoções (ALMEIDA, 1995). Discursando nos trânsitos entre *prazer, autoridade e abuso* em suas discriminações regionais e etnocêntricas, o KS inclui capítulos sobre as razões para se conquistar a esposa de outro homem; os tipos sexuais femininos de acordo com seu temperamento; a mulher fazendo o papel de homem no sexo; como obter-se a confiança de uma virgem; desvios do casamento, as mulheres permitidas e proibidas. As categorias-alvo de investidas masculinas eram classificadas em *esposa única, esposa mais nova, esposa mais velha, mulher de “segunda mão”, esposa não amada, mulheres do harém, esposas de outros homens, mulheres “fáceis”, cortesãs, mulheres proibidas que são muito brancas ou muito escuras, ou a terceira natureza*, relativa à homossexualidade (ver o anexo ao final). Estavam presentes também causas para a resistência feminina em relação à sedução masculina; quem e como eram os homens bem-sucedidos na conquista; como se tornar íntimo de uma mulher. O material empírico utilizado foi extraído da tradução do sânscrito compactada de Doniger em parceria com o psicanalista indiano Sudhir Kakar, de 2003, do livro posterior de Doniger, de 2016, comentando os assuntos principais do tratado, e também da versão de Burton e de outros comentadores.

O MISTÉRIO DA AUTORIA: CORPOS SOCIALIZADOS PELO KAMA SUTRA, O “DÂNDI” INDIANO E A DEPRECIÇÃO DAS CORTESÃS

Para entendermos o conteúdo do KS e para quem se destinava, é preciso saber *quem eram os usuários da língua sânscrita* na época e na região a qual nos referimos; isto é, o norte da Índia no século V d.C. O sânscrito consolidou-se como língua clássica e vernacular na Índia entre os anos 600 a.C a 321 a.C; era falado por poucos literatos e pela casta brâmane, usado em documentos oficiais, proclamações e em cerimônias védicas (THAPAR, 1990). Nas cidades e vilas do norte, uma forma popular deste

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

idioma era usada, o *prakrit*, com variações dialéticas regionais, além do *páli*, outro idioma comum na região. Até 300 d.C., o sânscrito fora imposto como língua vernacular seguindo o padrão cultural ária com seus rituais védicos, e a instrução era privilégio de governantes (casta *xátria*) e comerciantes ricos (casta *vaisia*). Estes últimos se contentavam com uma educação bem mais restrita e limitada em comparação aos brâmanes, dependendo de sua disposição em ensinar-lhes. A alfabetização de mulheres, em qualquer idioma, era muito rara. No período de 300 a 700 d.C., linha temporal onde se encaixa o KS, a poesia e a prosa em sânscrito tornaram-se mais acessíveis através da patronagem das classes dominantes, que incentivaram em suas Cortes uma literatura de elite, aristocrática. As obras em *prakrit* eram também patrocinadas, e continuaram sendo faladas pelas castas não brâmanes. No entanto, *o prakrit era falado universalmente pelas mulheres de todas as castas, a quem, notavelmente, era vetado o ensinamento do sânscrito* (THAPAR, 1990).

Neste contexto de grandes restrições educacionais, a indiana era um ser idealizado nas artes e na literatura, enquanto na prática seu papel social era subordinado ao do homem, sem participarem da vida pública a não ser na arte da conversação e educação limitadas às Cortes. Filósofas e professoras eram ocorrências raras, os casamentos eram muito precoces, até mesmo pré-púberes; às viúvas era imposto o celibato. As únicas categorias de mulher com maior liberdade de movimento eram aquelas que desistiam dos papéis tradicionais de esposa para tornarem-se monjas budistas, atrizes ou prostitutas. Assim, foi em tal universo sociocultural de assimetrias de gênero que o KS foi composto e lido. Doniger (2016) afirma que é difícil determinar para quem exatamente se destinava a obra e qual espectro da antiga sociedade hindu conhecia o texto em primeira mão. No entanto, há indícios de que se tratavam de leitores de classes privilegiadas que usufruíam de prazeres proporcionados pelo *status* e pela riqueza, pois os amantes ali descritos precisavam ser abastados para exercerem suas táticas de sedução.

O personagem “Vatsyayana” discorre sobre as origens sagradas do tratado, compilado atemporalmente pelo deus-touro Nandin, que redigira um texto de mil capítulos intitulado *Kamasutra*, o qual o ser mítico Shvetaketu Auddalaki cortou em 500 partes e em seguida Babhravya de Panchala dividiu-as em 150 capítulos

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

(DONIGER, 2006). Nandin espionou à porta da câmara de dormir de Shiva e sua esposa Uma (outro nome de Parvati), e assim compôs a extensa obra. Houve outro criador do tratado, o rei Shvetaketu; diz-se que em seu tempo os homens cometiam amiúde adultério seduzindo as esposas alheias. Este governante proibiu a suposta promiscuidade e, possuidor de grandes poderes de asceta, redigiu um texto explicando quem era permitido ou proibido para o sexo. Menciona-se também outro nome, Dattaka (conhecido por ser bissexual), que dividiu o extenso tratado em 6 partes, descrevendo os tipos de cortesãs e tudo que sabiam sobre sexo. O material compilado era tão completo que (incrivelmente) as próprias prostitutas pediam a Dattaka instruções sobre como dar prazer aos homens. Resumindo, Vatsyayana teria condensado todo o conhecimento de seres míticos e humanos em sua própria versão de sete livros. Assumiremos, portanto, que este manual sobre erotologia não tem autoria fixa; textos anteriores teriam sofrido edição ao longo dos séculos até o produto final contendo temas específicos. Vatsyayana enfatizara a necessidade de um método para a conquista e as práticas sexuais, até mesmo com a necessidade de o cidadão ser guiado por um guru, como afirmou o também misterioso Yashodhara (DONIGER, 2016).

Os mitos de origem do KS apresentam noções de *transgressão*, quando Nandin observa escondido os próprios pais fazendo sexo (um ato quase incestuoso), que poderia indicar a ocorrência frequente de adultério em tais círculos sociais, linha interpretativa que considera a religião como expressão do comportamento (O'FLAHERTY, 1981), na qual os mitos adquirem seu sentido a partir das experiências humanas e de seus problemas em sociedade, demandando uma resposta oficial para as ansiedades sexuais e comportamentais dos indivíduos. Porém, considerarmos que o adultério era amiúde praticado é apenas conjectural, pois este tema era um motivo recorrente nas escrituras hinduístas com significados peculiares à cultura local indiana, como veremos na parte final deste texto. Observaremos que o KS também poderia ser fruto de uma tradição escrita socioreligiosa mais ampla e atemporal estendendo-se por milhares de anos.

Kama era um valor tão importante quanto a aquisição de *artha* (dinheiro, poder político, lucro, sucesso) quanto *dharma* (cumprimento da lei, religião, obediência à moralidade social de acordo com a casta) na sociedade hindu. Não por acaso, há alertas e ressalvas direcionados aos leitores da obra:

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

People should not indulge in pleasures, for they are an obstacle for both religion and power, which are more important, and to other good people. They make men associate with worthless people and undertake bad projects; they make him impure, a man with no future, as well as careless, lightweight, untrustworthy and unacceptable.” Vatsyayana says : Pleasures are a mean of sustaining the body, just like food, and they are rewards for religion and power. But people must be aware of the flaws in pleasure, flaws that are like diseases (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 11-12).

This book was undertaken in order to guard wives, for the benefit of men; its arrangements should not be learned in order to corrupt the people. (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 160).

Vatsyayana made this book in chastity, and in the highest meditation, for the sake of worldly life; he did not compose it for the sake of passion. The man who is well taught and expert in this text pays attention to religion and power; he does not indulge himself too much in passion, and so he succeeds when he plays the part of a lover (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 188).

Em suma, os objetivos do tratado são claros dentro de um conjunto de normas político-religiosas que deveriam ser seguidas em busca do gozo dos sentidos para não expor o “cidadão de bem” a impurezas ou transgressões de *artha* e *dharma* e para assegurar a castidade de suas esposas. Ou seja, o exercício legítimo de *kama* não deveria erodir ou comprometer o poder deste homem naquela ou em suas próximas encarnações (tal o significado de “ausência de futuro”).

E quem é o “cidadão de bem” descrito no KS, o personagem principal sobre o qual recaem as prescrições e conselhos? O protagonista era o *nagaraka*, que Doniger traduz em inglês como “*man about town*” (2016, p. 23), cidadão rico que não trabalha; em português: homem citadino, sofisticado, um dândi, janota, *playboy*. Nunca se menciona em quem ou se trabalhavam, apenas o que deveriam fazer nas preliminares do leito até o final do sexo, em suas casas abonadas. Burton não especifica tal personagem, chamando-o apenas de “cidadão habitante do Hindustão” (2006, p. 13), mas explica que se tratava de uma elite urbana composta de príncipes, oficiais de alto escalão e mercadores ricos.

O referido dândi frequentava festivais religiosos, reuniões sociais, festas com bebidas alcóolicas oferecidas tanto para homens quanto para mulheres em jardins e piqueniques, em jogos de azar com dados, em noites de luar, acompanhado de cortesãs

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

(BURTON, 2006). Deveria saber outros idiomas locais além do sânscrito da Corte, ser respeitado por todos, relacionar-se com pessoas apenas de sua casta com quem valia a pena se relacionar; ele assistia todos, sendo um reconciliador de conflitos (BURTON, 2006). Recomendava-se também que praticasse algumas das 64 artes do prazer classificadas no KS, entre elas: canto, música, teatro, esportes aquáticos, recitação de poemas, regras de etiqueta, habilidades atléticas, ciências estratégicas de guerra etc. (DONIGER, 2016).

Uma fusão entre o imaginário e o ideológico permeiam a textualidade de *kama*, e não é possível separar a *classe*, a *fantasia* e a *política* de tal linguagem de quem escreve e de quem lê, como discute Roland Barthes (2015, p. 35-36):

Os sistemas ideológicos são ficções (fantasmas de teatro – diria Bacon), romances – mas romances clássicos, bem providos de intrigas, crises, personagens boas e más [...]. Cada ficção é sustentada por um falar social, um *socioleto* [grifo meu], ao qual ela se identifica: a ficção é esse grau consistente que uma linguagem atinge quando *pegou* excepcionalmente e encontra uma classe sacerdotal (padres, intelectuais, artistas) para a falar comumente e a difundir. [...] Pois cada falar (cada ficção) combate pela hegemonia; se tem por si o poder, estende-se por toda a parte no corrente e no cotidiano da vida social, torna-se *doxa*, natureza: é o falar pretensamente apolítico dos homens políticos.

Em tal “socioleto” de castas com suas falas políticas de gozo, a cortesã indiana surge como uma parceira de destaque junto ao *nagaraka*. Registra-se o seguinte no Livro VI :

Doing it [intercurso] for sexual pleasure is natural, and for gain is artificial, but she make the artificial too, appear natural, because men trust women who are driven by desire. As the saying goes : “she makes him love her but does not become attached to him, though she acts as she were attached. When making love, she expresses wonder at what he does for her. She learns the sixty-four arts of love, and when he has taught her these methods, she practices them on him in return, with constant repetition [grifo meu]. [...] She conceals any imperfection of her hidden places (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 162-163).

[...]

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

She hates anyone who he hates. She takes her pleasure in what gives him pleasure, and rejoices and sorrows as he does. [...] She is attentive to all his stories, except when they are about another wife. She keeps anything he has given her, she sits on his lap and goes to sleep there, and when he gets up and moves away from her, she goes after him. She wants to have a child by him, and does not want to live longer than he. When they are alone, she does not speak of things he does not know. [...] She goes to him with no regard for danger, cold, heat or rain (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 165-166).

Estas últimas descrições correspondem ao papel de cônjuges que as cortesãs poderiam fingir (ou não) desempenhar para agradar seus amantes, relatos que aparecem na tradução de Burton do capítulo II do mesmo Livro, listando o comportamento esperado de uma esposa, e uma conclusão geral sobre o temperamento feminino que encerra a narrativa:

[ela se compraz em] *taking delight using things previously used by him, and eating food that he has left uneaten; venerating his family, his position, his skill in the arts, his learning, his caste, his complexion, his native country, his friends, his good qualities, his age, his sweet temper [...]*

There are two other verses on the subject that follows:

The extent of the love of the women is not unknown, even to those who are the objects of their affection, on account of its subtlety, and on account of the avarice, and natural intelligence of womankind.

Women are hardly ever known in their true light, though they may love men [grifo meu] or become indifferent towards them; may give them delight, or abandon them; or may extract from them all the wealth that they may possess [grifo meu] (BURTON, 2006, p. 126-127).

As descrições dos cronistas mostram uma clara encenação de fantasias androcêntricas baseadas sobretudo na bajulação da cortesã sobre seu *nagaraka*; isto é, o ofício da prostituta que satisfaz os desejos masculinos nas fronteiras entre fantasia/realidade do *socioleto político*⁸. A parceira experiente também aparece *subjugada*, um ser arrebatado pelo suposto desejo por seu cliente, preocupada com um ideal de perfeição para agradá-lo integralmente. Ela chega a perder o discernimento em

⁸ Ênfase neste ponto a importância do “dialeto social” implícito na expressão. Trata-se do *contato entre um grupo cultural específico* a partir da *comunhão* ou sintonia e harmonia entre humanos em interação, compartilhando sentimentos e valores através da língua falada e escrita; o termo técnico seria *função fática da linguagem* (COUTO, 2012), nesse caso fortemente calcada na posição/função de casta ou condição de nascimento (*jati*).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

sua desesperada tentativa de reencontrar o amante, seja no calor, no frio ou na chuva, e até mesmo deseja conceber um filho de seu freguês. Em tal esforço de sujeição sexual e emocional, surgem hierarquias de classe e raça, na exigência de “venerar” a família, a “compleição” do parceiro, o país nativo do dândi, como o fazem as esposas virtuosas. Em resumo, a prostituta de luxo deveria *parodiar o contexto normativo* de papéis tradicionais dos gêneros, jamais subvertê-los.

Não apenas uma paródia do normativo; na verdade, a cortesã no KS é alvo de uma *inversão de poder e de saber*. Supostamente elas teriam aprendido as técnicas sexuais com homens, reproduzindo na prática com seus clientes seu conhecimento oriundos de fontes masculinas, aprimorando-se com seus parceiros através da repetição dos métodos vindos dos sábios entendidos, nunca criados por elas mesmas (afinal, a repetição contínua faz parte do ofício corporal das prostitutas, de sua *ação performática*). Elas também são generalizadas como toda a “humanidade feminina”: têm capacidade de amor limitado, são incompreensíveis em seus desejos e podem extrair toda a riqueza material de um homem. Em outras palavras, caem na categoria de seres *incomensuráveis* na lógica do socioleto masculino. Não por acaso, as cortesãs aparecem novamente depreciadas e “invertidas” em outro capítulo do KS discorrendo sobre sexo oral, junto às práticas de homoerotismo, como veremos adiante.

Prostitutas lendo documentos em sânscrito clássico e se aconselhando ou aprendendo com homens respeitáveis de castas superiores sobre como deveriam agir na cama?! A cortesã indiana daquela época já foi equiparada às *hetairas* grega e babilônica e também à *geisha* japonesa no tocante ao seu treinamento e saber cultural (THAPAR, 1990, p. 151); contudo, a alfabetização de mulheres era escassa, nula no sânscrito, língua que jamais fora das massas. Devemos adotar uma hipótese intermediária entre os dois extremos, pois é muito improvável que compreendessem o idioma escrito, já que prostitutas/cortesãs eram consideradas uma subcasta inferior, e tal língua era sagrada. Mais plausível é a conjectura de que os brâmanes tivessem frequentado os bordéis e feito as devidas observações, anotações ou práticas *in loco*.

Outra fonte dos cronistas podiam ser conversas ou observações furtivas sobre os *nagaraka*, que descreveram em primeira ou segunda mão o que faziam ou inventavam em fanfarrice entre quatro paredes ou cortinas, ou em jardins suspensos em luxuosas

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

coberturas, como eram as casas dos abastados na época (DONIGER, 2016). É possível evocarmos aqui a ideia moderna de *voyeurismo* tão comum em narrativas pornográficas; a saber, a excitação daquele que espiona ao assistir a uma cópula alheia, criando uma cumplicidade entre o escritor e o dândi, daí as descrições de posições sexuais sob vários ângulos no KS, as chamadas “cenas ousadas de alcova” (EL FAR, 2004, p. 267)⁹. Fato ou invenção, quem espiava, ouvia, registrava e quem lia, era o mesmo *sujeito histórico, performático*: aqueles que mesclavam em sua ontologia discursiva elementos biográficos, sociológicos, psicológicos, classistas e educacionais (BARTHES, 2015); os privilegiados que tinham condições de reivindicar *kama*, o dever religioso de todo hindu “superior” ao gozo dos sentidos.

Em síntese; parte factual, parte imaginária, identificamos um exercício de poder sobre a detenção do saber sexual sobre o corpo de mulheres; corpos com discursos, gestos, desejos, temperamento e aparências construídos para permanecerem sob o controle físico e emocional de narradores homens em seu discurso ideológico, seu socioleto local envolvendo um estado de espírito compartilhado. Claramente, tanto os escritores quanto os leitores do KS eram cidadãos que desejavam mostrar *status* frente aos seus iguais, na expectativa de recompensas materiais (brâmanes recebiam soldos ou presentes de xâtrias e vaisias por seus conselhos e serviços religiosos) ou na participação de ritos de solidariedade/identificação masculina ao compartilharem suas peripécias sexuais inventadas ou amplificadas na fala (cf. outros estudos como ALMEIDA, 1995; EDWARDS, 2006 nos mostram). Devemos, a seguir, observar como outras categorias de mulher são descritas no KS e em quais circunstâncias são vetadas ou sancionadas para se obter *prazer e poder* quando em interação (ou encenação) junto ao *nagaraka*.

⁹ Não enquadro o KS na categoria de “obra pornográfica” por não pertencer à mesma tradição de textos de caráter libertino na vasta literatura europeia sobre o tema, que abarca os períodos da Antiguidade, Renascimento, Iluminismo, Romantismo e seus ramos posteriores do naturalismo, Realismo (cf. El Far, 2004). Tais obras tinham o objetivo de ferir o decoro público e subverter as convenções sexuais e morais de suas respectivas épocas, o que não é o caso deste tratado indiano, sancionado pelas autoridades brâmanes. Ainda assim, considere o uso do termo *voyeurismo* uma homologia viável com nosso material empírico, porque abarca a experiência humana em “satisfazer fantasias e pulsões libidinosas” (EL FAR, 2004, p. 200), instigando a imaginação de seus escritores e seletos leitores, como parece ser o caso aqui.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

EM NOME DE KAMA: OS LIMITES ENTRE PRAZER E DOR, A CAMUFLAGEM DO ESTUPRO

“A violência ? É um valor superior e dos mais bem codificados”.

Roland Barthes,
(2015, p. 54)

O sábio Vatsya encoraja o conhecimento das técnicas de prazer sexual pela contraparte feminina do dândi. As mulheres deveriam estudá-lo *“in the prime of her youth and she should continue when she has been given away [isto é, casando-se], if her husband wishes it”* (apud DONIGER, 2016, p. 95); quer dizer, sempre com a permissão de seu nobre cônjuge ou autoridade masculina. Também explicita que devem ser tratadas com delicadeza, já que são seres diferentes dos homens no tocante ao vestuário, graça, tagarelice, emotividade, delicadeza, timidez, inocência, vergonha, falta de poder, sofrimento, autonegação e fragilidade (DONIGER, 2016, p. 109).

O KS ensina, sobretudo, meios para o *nagaraka* controlar sua parceira através do prazer. Como no caso das cortesãs, elas podem ser abordadas em festas, reuniões, apresentações teatrais e de dança e, principalmente, em encontros particulares com o uso de álcool como meio para o objetivo primordial: a conjunção carnal. Essa mulher pode ser uma virgem, uma viúva, a cortesã ou a esposa de outrem. Vejamos as preliminares:

In a room of his house dedicated to sex, a room decorated, full of flowers, and fragrant with perfume and incense, the man about town receives the woman, when she has drunk the proper amount; he puts her at ease and offers her another drink. [...] They talk together, [...] touching upon all sorts of things hidden and obscene. There may be singing and instrumental music, with or without dancing, and conversation about the fine arts, and then he entices her with another drink (LIVRO II, apud DONIGER, 2016, p. 145).

[Durante as festas religiosas] Her foster sister [irmã adotiva] gives her an intoxicating drink and, on the pretext of something that she herself has to do, brings her to the man in an accessible place. There, the drink has made her unconscious, he takes her maidenhead [hímen, virgindade]. Or when she is sleeping alone (because her foster sister away), while she is unconscious, he takes her maidenhead. Or when

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

the man finds out that she has gone to another village or to a park, he comes there with a strong force of helpers and frightens off or murders the guards, and carries off the virgin (LIVRO III, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 113-114).

Tais estratégias poderiam e *deveriam* ser usadas também para se cometer adultério, ao colocar-se a esposa alheia como desejável no item “*reason for taking another’s man wife*”:

There is a forth sort of woman who may be a lover : under the pressure of some other reason, a woman who aids a man’s cause may become his lover, even if she is married to another man. They may think : “this is a loose woman. She has already ruined her virtue with many other men. Even though she is from a class higher than mine, I can get to her as I would go to a courtesan, without offending against religion. She is a secondhand woman. Since another man has kept her before me, there is no reason to hesitate about this” (LIVRO I, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 17-18).

Vatsyayana quotes another scholar (or pedant) who said that any married woman who is known to have five men can be seduced without moral qualms, for five men or more (pancha-jana) is an expression of a crowd, a group of people [...]. And Yashodhara adds : “if besides her own husband, a woman has five men as husbands, she is a loose woman and eligible for everyone who has a good reason (DONIGER, 2016, p. 87).

Uma mulher que auxiliasse a “causa de um homem” refere-se a questões políticas. Ela poderia ser casada com alguém hierarquicamente superior ao *nagaraka*, ou ser íntima de um de seus inimigos de forma que ele pudesse manipular ou atingir seu rival através da “conquista” de sua esposa, adquirindo influência em seu círculo social de aliados e antagonistas, ou até mesmo para extorquir dinheiro da parceira caso ele estivesse falido (DONIGER, 2016, p. 20). O dândi também poderia se deitar com ela para agradá-la de maneira a não denegrir seu nome aristocrático em caso de chantagem, ou até mesmo para conseguir uma virgem desejada que dependesse dela. O trecho que sanciona o adultério termina, porém, advertindo que nenhum destes estratégias deveriam ser aplicados meramente “em nome da paixão” (DONIGER, 2016, p. 22).

Estamos diante de dois elementos fundamentais no KS: a manipulação do desejo feminino em um campo moral e fictício que idealiza o adultério; e o consentimento ou não da parceira neste processo. Sabe-se que o consumo de álcool e outros entorpecentes Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no Kama Sutra – Mariane Venchi – p. 247-279

recreativos causa uma maior vulnerabilidade da mulher, quebrando suas resistências, expondo-a e tornando-a sujeita ao não consentimento de atos sexuais que podem culminar em agressões físicas, levando ao estupro¹⁰. Os cronistas não mencionam se a parceira do *nagaraka*, após uma quantidade “apropriada” de bebida, apreciou os artifícios de sedução ou consentiu no ato, mas essa omissão é deliberada; faz parte da estratégia discursiva do tratado. Um homem é encorajado a dar uma “bebida intoxicante” para uma virgem para “inaugurá-la” ainda que esta esteja inconsciente do ato, com a facilitação de uma “irmã adotiva; o equivalente ao uso da moderna e ilegal “droga do estupro”, e o sequestro também podia ser utilizado¹¹. Além disso, quando a mulher era uma “perdida”, “de segunda mão”, parecia haver ainda menos necessidade de consentimento, já que estava sendo usada por questões políticas. Em outros momentos, o KS e seu comentador, Yashodhara, também depreciam a mulher de vida sexual ativa. Uma esposa alheia é passível de conquista por várias razões (com exceção do enamoramento espontâneo), e assim o janota indiano encontrava inúmeras justificativas para suas conquistas ardilosas, esmiuçadas ao longo de toda a obra. Quanto mais amantes uma esposa tinha, mais estava disponível para o sexo com “qualquer homem”, atestando sua suposta promiscuidade. Estes julgamentos morais levam-nos ao discurso da *construção do desejo sexual feminino pelo olhar masculino*.

A esta altura, dissenso e contradições começam a aparecer. O *nagaraka* podia facilmente identificar os sinais de sua parceira atingindo o clímax e até mesmo reconhecia que ela também era capaz de ejacular, embora de forma diferente. Yashodhara cita um poema desconhecido no qual o erotismo feminino é caracterizado como “dual”; seu prazer é atingido ao ser “chacoalhada, agitada, sacudida”, e ela pode ser “perturbada ou exaltada” por sua própria energia sexual e ter emissões como um homem (DONIGER, 2016, p. 99). O comentador destaca ainda um ditado popular em

¹⁰ Estatísticas atuais sobre violência urbana apontam que o consumo de álcool e outras drogas suscitam atos violentos por indivíduos e, por conseguinte, à vitimização de outrem. A intoxicação alcoólica torna seu usuário mais exposto a comportamentos de risco e, entre mulheres, a embriaguez proporciona um risco 3,6 maior de ser vítima de estupro. Em 56% de casos de violências entre parceiros sexuais, o agressor estava sob efeito de álcool; 33,6% dos bebedores disseram já ter agredido alguém quando embriagados (ver LENHARO, 2014). A matéria também enfatiza, segundo o artigo §1º217-A do Código Penal brasileiro, que uma pessoa embriagada é incapaz de manifestar desejos e tomar decisões consensuais no ato sexual, mesmo havendo um relacionamento prévio.

¹¹ Esta descrição agressiva de abordagem está no capítulo do Livro III intitulado “estratagemas desonestos”. Nota-se como não se usam as palavras *condenáveis* ou *criminosos* passíveis de punição, mostrando que eram atos tolerados.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

sânscrito que mostra a insaciabilidade sexual feminina: “*A fire is never sated by any amount of logs, nor the ocean by the rivers that flow into it; death cannot be sated by all the creatures in the world, nor a fair-eyed woman by any amount of men*” (apud DONIGER, 2016, p. 131). A mulher possuiria uma libido maior a do homem, sendo o desejo masculino 1/8 do feminino, daí seu clímax demorar a ser atingido. Abre-se um precedente, portanto, para a subjugação masculina sobre o corpo de sua parceira, como descrito numa postura sexual do Livro II, no oitavo capítulo: quando ela está com as coxas juntas ao peito, os joelhos dobrados, “[...] *he thrusts from below into the lower part of her vagina, violently, because the itch is most extensive in the lower part of the vagina*” (DONIGER, 2016, p. 133). Nesta passagem, Yashodhara comenta “*there is no relief for her*”, daí o marido correr o risco de ser abandonado por sua esposa insatisfeita. Os sábios concluem que o desejo feminino é uma “coceira” que precisa ser coçada mas nunca é satisfeita¹².

Por outro lado, mulheres se ressentem quando a energia masculina acaba rapidamente, daí sua preferência por “homens duradouros” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 28) embora sua “natureza física seja passiva” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 29). Os sábios do erotismo feminino simplesmente não explicam a contradição em suas teorias; a saber como as mulheres conseguem ser ao mesmo tempo “passivas na natureza física” e libidinosas no desejo sexual (neste instante, o *nagaraka* devia ficar confuso sobre o que fazer diante do segundo sexo...). Pois, segundo os relatos, “*no one can know a man’s ecstasy*” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 26), mas os literatos hindus, ao contrário, eram perfeitamente capazes de compreenderem a “coceira feminina”.

Percebemos um construto de gênero heterossexista e em dissenso, mas trata-se de um paradoxo intencional, não acidental. A parceira em tais contextos seria criada e dominada pelo discurso performático de outrem por meio de uma ritualística expondo *posições de mando e de controle* (GREGORI, 2015). No entanto, o controle de quem

¹² A flexão em gênero da libido com a exacerbação do desejo feminino aparece também no Oriente Médio e na África, em sociedades muçulmanas, cujas narrativas analisei como parte das práticas da circuncisão feminina (VENCHI, 2008). Consta em uma narrativa islâmica atribuída ao Califa Ali, que Alá criou o desejo sexual em dez partes, dando uma à mulher e outra ao homem, atestando a necessidade de controle do poder disruptor, “absorvente e destrutivo do feminino” (*ibidem*, p. 28). Ali a muçulmana é caracterizada como *fitna* (“perigo”), para a ordem social islâmica. Em outras fontes árabes, elas são retratadas como maliciosas, interessadas apenas em sexo e nas partes íntimas masculinas; daí a necessidade de intervenções cirúrgicas em suas próprias genitálias para suprimir sua lascívia inata.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

narra mostra suas fragilidades nas entrelinhas, pois a libido feminina exagerada seria um artil discursivo para camuflar o medo da impotência masculina, como já destaquei em minha discussão sobre a circuncisão (VENCHI, 2008). A virilidade, enquanto *ethos* fundamental de certas sociedades, só pode ser determinada pelo olhar feminino testemunhando a impotência masculina, daí o perigo que as mulheres oferecem no julgamento do amante. Valores de *masculinidade* são circunstanciais, podem ser mensurados, possuídos e perdidos; narrativas hegemônicas também desvelam masculinidades transgressoras, malditas.

Assim, só as parceiras na intimidade poderiam julgar e presenciar a impotência do *nagaraka*, e aqui reside uma razão para qualificá-las como ninfomaníacas. Porém, curiosamente, são os homens que as capturam, subjagam-nas e as matam em excessos sexuais, como em outros relatos de supostas masculinidades transgressoras. Vatsya utiliza-se de uma linguagem bélica para descrever as relações sexuais onde, novamente, não se sabe onde termina o consentimento e começa a violação da mulher :

Even in archery and in other martial arts, the textbooks insists on variety. How much more is this true of sex! But a man should not scretch marks of such variety on the wives of other men – except for special marks on concealed places, to increase their passion and make them remember (LIVRO II, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 50).

They say that sex is a form of quarreling, because the very essence of desire is argument, and its character is perverse. Therefore, a part of sex is slapping – on the shoulders, on the head, between the breasts, on the back, between the legs and on the sides – in four ways: with the back of the hand, the outstretched hand, the fist, or the flat palm of the hand (LIVRO II, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 68).

There are various sounds that have meanings, such as “Mother!”, “Stop!”, “Let go!”, “Enough!” [...] He strikes her on her back with his fist when she is seated on his lap. Then she pretends to be unable to bear it and beats him in return, while groaning, crying, or babbling. When he is inside her, he slaps her with his back of his hand between her breasts, gently at first, then harder as she becomes more passionate, until the climax. [...] If she protests, he strikes her on the head until she sobs. [...] When the sex ends, there is panting and crying (LIVRO II, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 70).

[...]

As passion nears it ends, he beats her between her legs and on her sides, extremely quickly, until the climax (LIVRO II, DONIGER; KAKAR, 2003, p. 71).

One should also avoid, even in the region where it is used, anything that is dangerous. The King of Cholas killed Chitrasena, a courtesan de luxe, by using the “wedge”¹³ during sex. And the Kuntala king Shatakarni Shatvahana killed his queen, Malayavati, by using the “scissor”¹⁴. Naradeva, whose hand was deformed, blinded a dancing girl in one eye by using the “drill”¹⁵ clumsily (DONIGER, 2016, p. 61).

Nos mitos relacionados a Shiva existe uma estreita correlação entre temas opostos como *amor/morte, êxtase sexual/ascetismo* e uma relação violenta entre Kama (o desejo mundano) e o deus do Yoga¹⁶. Deste modo, o ato sexual é uma *ação perigosa*, causando perda de poder e até mesmo a morte. Mas há um traço peculiar em tais descrições: os reis que cometeram tais excessos seriam todos do sul da Índia, mostrando a crença na inferioridade das regiões que não falassem o sânscrito ou compartilhassem de seus mitos e práticas religiosas, localidades com os idiomas dravídicos como o tâmil, o telugu etc. com outras tradições locais. No Livro II, Vatsya cita várias regiões nas quais mulheres tinham gostos “diferentes” em seu comportamento erótico. Por exemplo, afirmava-se que na Índia Central (região do escritores do KS) as damas eram “nobres, com hábitos puros”; não apreciavam beijar, nem bater ou arranhar, enquanto as de Bahlika (antiga Bactria) ou Avantika (na região de Madhya-Pradesh) gostavam de “práticas incomuns”. As mulheres próximas ao rio Indo gostavam de sexo oral, enquanto as da Índia Ocidental e de Lata (na província do Gujarat) teriam “forte energia sexual”. Finalmente, as de Kosala (em Uttar-Pradesh) apreciavam apanhar fortemente e usavam instrumentos sexuais (os atuais *dildos*), sendo igualmente libidinosas, enquanto

¹³ “Cunha”, cravação, ou introduzir com força; referente aos modos descritos no KS sobre a penetração masculina.

¹⁴ “Tesoura”, postura em que o homem pressiona uma das coxas femininas usando as suas, como uma pinça.

¹⁵ “Broca”, furadeira, descreve outro modo de penetração masculina.

¹⁶ São inúmeras as epopeias religiosas, poemas e lendas hindus, orais e tribais, sobre a batalha entre Shiva e Kama (O’Flaherty, *ibid*). Em síntese, este provoca Shiva tentando ativar-lhe o desejo sexual enquanto o deus asceta está no transe da meditação na floresta de pinheiros. Shiva, em retaliação, abre o terceiro olho em sua testa e fulmina Kama transformando-o em cinzas. A esposa de Kama, Rati, reporta-se ao deus asceta implorando-lhe para ressuscitá-lo e, ao final, é atendida. Este embate entre *ascetismo, desejo sexual e respostas emocionais violentas* que tal guerra interna provoca derivam de duas correntes de pensamento predominantes na Índia que sempre se opuseram: a filosofia bramânica em assimilação ou tensão permanente com a tântrica.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

as de Maharashtra eram “impetuosas na cama” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 53-55). O autor alertava para não se adotar costumes praticados em regiões diferentes, isto é, de um local “geográfico e cultural” estranho ao *nagaraka*, e também desencorajava relações com pessoas de outra casta ou de áreas rurais (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 72); veremos que tal menosprezo se repete em relação às práticas homoeróticas¹⁷. Também justifica-se a suposta violência em decorrência da “paixão cega” na qual os amantes estão imersos, “*in the friction of the sexual battle*” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 74), uma vez que o janota conhece a natureza *feroz, delicada e forte* de sua jovem parceira.

Tais narrativas mostram relações sexuais saindo do controle com resultados letais, arranhões deixando marcas na pele feminina, o apagamento do abuso físico sobre a parceira, a forma extrema de violência sexual culminando na morte, além de gritos femininos de provável resistência excitando o parceiro. O sexo é equiparado a artes marciais, uma *batalha entre corpos* cujas marcas são impressas no corpo da amante, produto da paixão ou da agressão, não se pode definir¹⁸. Mas, como a sexualidade humana é de caráter “perverso”, tais efeitos são esperados, até mesmo permitidos, como atestam as várias técnicas usadas para se bater na amante. As experiências eróticas que envolvem violência, fantasias, técnicas e objetos ressignificam hierarquias de gêneros e desigualdades: aqui temos *jogos de dominação e submissão* onde não se distingue se há “mutualidade” ou “reciprocidade”, expressões comuns usadas por parceiros que praticam sadomasoquismo (GREGORI, 2015, p. 250). Em tais práticas produto da Modernidade ocidental, a subjugação real dos parceiros seria posta à margem do discurso dos praticantes, que negam o abuso físico ou emocional a partir da existência de um contrato mútuo que inclui direitos e deveres de ambas as partes. Já no KS não existe um cenário tão montado e seguro, pois sequer se ressalta a presença do consentimento das parceiras.

¹⁷ Burton (*ibid*, p. 56) menciona uma relação entre um *nagaraka* e uma serva de casta inferior: de curta duração, sem beijos, carícias ou outros tipos de manipulação corporal, chamada de “sexo como aquele de eunucos”, isto é, impuro, da *terceira natureza*, conceito que discuto adiante. O autor também cita o chamado “sexo fraudulento, defeituoso”, quando ocorre entre o *nagaraka* e mulheres da área rural ou de outras províncias; ou com cortesãs e homens do campo “rústicos”.

¹⁸ Sobre respostas emocionais violentas, o vínculo sagrado entre *guerra e erotismo* é exibido em várias expressões das artes e das epopeias indianas; por exemplo, em esculturas eróticas de templos tântricos (ver VENCHI, 2020).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

Gritos de resistência são estimulados, mas alguma mulher realmente gritou “Mãe!” quando atingiu o clímax? E os homens, o que gritavam? Só aparecem os tipos de sons emitidos por mulheres, ruídos de choro comparados aos de animais, mas não há registros de sons de gozo ou sofrimento emitidos pelo parceiro¹⁹. Ou talvez tais gritos sejam ecos da *voz masculina* em excitação ao estimularem o orgasmo feminino em um ato agressivo; posto que, na cacofonia desenfreada de corpos libidinosos do KS, fronteiras entre *consentimento e abuso* não existem. Se a mulher protesta, o *nagaraka* bate em sua cabeça até ela soluçar; ao final do ato ela está... chorando. Em contraste, recomenda-se ao homem que “evite” algo “perigoso” a ponto de levar a parceira à morte.

Definir-se onde termina o prazer e começa a dor no orgasmo humano é uma discussão que extrapola o âmbito antropológico, envolvendo a sexologia, e psiquiatria e o estudo de substâncias como a endorfina, que são liberadas durante um processo inflamatório do corpo e acabavam levando ao prazer²⁰. O que de fato nos interessa aqui é a presença de uma *zona de exclusão* discursiva apagando as vozes femininas e de castas baixas. A respeito da transcrição de sons eróticos ou onomatopeias para a linguagem em papel, também devemos apontar a ressalva de que palavras escritas devem ser consideradas como “mapas”, não representando exatamente a coisa em si (COUTO, 2012), levando à questão sobre o emissor ter conseguido transmitir com precisão o que realmente desejava em sua interlocução com o leitor/receptor. De todo modo, ele não teve interesse em tentar reproduzir a voz masculina durante o sexo, deixando para trás vestígios de omissões deliberadas.

Ainda sobre as camuflagens da dor e do abuso, descrevem-se tipos de casamentos que na Modernidade seriam considerados estupro; por exemplo, drogando-se uma garota para ter relações com ela, raptá-la à força, abordá-la enquanto está dormindo, durante o assalto a uma casa, ou em uma residência pegando fogo, ou quando

¹⁹ De acordo com o Livro II, no capítulo “Bater e queixar-se/chorar”, a mulher pode emitir sons de “pomba”, “cucu”, “pomba verde” (ave nativa da Índia), “papagaio”, “abelha”, “rouxinol”, “ganso”, “pato” e “perdiz” (ver DONIGER; KAKAR, p. 68-69).

²⁰ Já observei em minha dissertação que códigos da dor transpostos da *experiência* para a *linguagem* é uma operação complexa, envolvendo técnicas de *objetividade* e *inteligibilidade* entre quem fala e quem ouve. Daí o recurso discursivo para a representação da dor, enquanto fenômeno subjetivo criar *zonas de exclusão* para tudo aquilo que não pode ser expresso pela língua. Para uma discussão aprofundada sobre o tema, ver Elaine Scarry: *The Body In Pain – The making and unmaking of the world*, Oxford: Oxford University Press, 1985.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

um exército invade outro território e captura suas nativas; ou seja, corpos femininos usados como butim de guerra (DONIGER, 2016, p. 105-106). Homens que detinham autoridade, como fazendeiros, oficiais militares, chefes tribais, mercadores vendendo escravas etc. também eram autorizados a capturarem esposas de outros hierarquicamente inferiores. As descrições podiam referir-se a práticas recorrentes naquela época, toleradas ou até normatizadas; de qualquer forma, encorajadas pelos literatos cultos. Trata-se de uma forma de violência cultural e estrutural ora colocando as mulheres como seres delicados e frágeis, ora como ninfomaníacas capazes de suportarem e apreciarem todo tipo de agressões, desde a captura até o sexo forçado.

Desta forma, o KS não considera uma situação de estupro encarado como crime, afinal, “crime” e *kama* são categorias incompatíveis no Hinduísmo, e o abuso codificado pelas narrativas é naturalizado como uma tática de sedução para livre usufruto do *nagaraka*; afinal, ele precisa “chacoalhar” sua parceira “oito vezes” mais lasciva do que ele. Não há gestos espontâneos em tal linguagem erótica (ou reciprocidade ou confiança, noções compartilhadas no S/M); não há troca de emoções ou diálogo entre amantes, pois trata-se de um cenário cuidadosamente articulado, um jogo de conquista no qual a busca do orgasmo (ou seja, *kama*) é uma prerrogativa necessária ao bom hindu, bem como uma tentativa de controle da parceira sob justificativa de sua sexualidade exacerbada. Tais performances seriam fruto de uma “combinação material, carnal e simbólica” (GREGORI, 2015, p. 261) que resulta no controle do orgasmo feminino motivado por propósitos políticos.

Por fim, mais um paralelo com atos sadomasoquistas contemporâneos, ainda que distantes no tempo e espaço, é esclarecedor:

as práticas eróticas são empreendimentos de risco: podem colocar em perigo as normas e as convenções vigentes de gênero e de sexualidade e, desse modo, ampliar o escopo de experiências com prazeres e corpos. Mas não existem garantias de que consigam evitar os abusos e a violência. Essa fronteira é de tal modo tênue que faz com que diversas alternativas de erotismo atuais sejam acionadas em meio a um conjunto de controle e de ansiedades [...] O apreço às liturgias tem centralidade nas expressões sadomasoquistas (GREGORI, 2016, p. 181).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

“Des-controle”, ansiedades, abusos e liturgias religiosas emergem na busca de *kama* e o condicionam, ressaltando desigualdades de gênero e etnicidade. Revela-se aqui o temor de ser impotente frente à amante ou a esposa de um oponente político, o apagamento deliberado da autonomia feminina e sua vontade, o tabu de se relacionar com povos de línguas diferentes ou castas baixas da Índia, o medo de se tornar *impuro* ao compartilhar orifícios racialmente e linguisticamente diversos: atos de transgressão do *dharma*, riscos de rompimento com os preceitos de pureza de casta etnocêntrica. No socioleto erótico da elite hindu antiga, podemos inferir “a inveja e o consequente menosprezo das mulheres, o medo de entrar nos seus corpos, o medo da intimidade, o medo de manifestar atributos femininos, e o medo de ser desejado por outros homens” (ALMEIDA, 1995, p. 148). Devemos verificar se existe de fato no KS o temor ao homoerotismo, como ele é posto em discurso e em quais graus de aprovação ou proibição.

AFIRMAÇÕES E EXCLUSÕES HOMOERÓTICAS; A TERCEIRA NATUREZA

Os relatos sobre práticas sexuais envolvendo indivíduos do mesmo sexo citam mais os homens em relação às mulheres; são passagens breves, porém merecedoras de análise. Em geral, o Hinduísmo clássico não menciona o homoerotismo mas o condena nas entrelinhas, considerando-o uma combinação “poluente” de esterilidade (pois a união não gera bebês) e luxúria; as narrativas sagradas nunca descrevem tais tipos de intercurso (DONIGER, 2016). Todavia, os brâmanes não omitem o assunto no Livro II, capítulo XII, intitulado “sexo oral”, em sânscrito *auparistaka* (SWEET, 2002, p. 80). Eis os trechos:

There are two sorts of persons of the third nature, in the form of a woman and in the form of a man. The one in the form of a woman imitates a woman's dress, chatter, grace, emotions, delicacy, timidity, innocence, frailty and bashfulness. The act that should be done in the sexual organ is done in her mouth, and they call that “oral sex”. She gets her sexual pleasure and her erotic arousal as well as her livelihood from this, living like a courtesan. The person of the third nature in the form of a man, however, conceals her desire when she wants a man and makes her living as a masseur [...] (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 86-87).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

Abaixo deste trecho há a descrição da “massagem” com contatos no pênis entre os parceiros e uma lista de técnicas para tais estímulos com a boca, incluindo toques na glândula até a ejaculação, com tapas e o soar de gemidos. O capítulo termina com os seguintes relatos:

Even young men, servants who wear polished earrings²¹, indulge in oral sex only with certain men [grifo meu]. And, in the same way, certain men-about-town who care for one another's welfare and have established trust do this service for one another [...].

Sometimes a man and a woman may turn their bodies head to foot, so that they can make love to one another at the same time, and that is known as “sex in the manner of crows”. It is for this that courtesans reject virtuous, clever, generous men, and become attached to scoundrels, servants, elephant-drivers and so forth (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 94-95).

Há outra provável menção ao homossexualismo no mesmo livro no capítulo “Atos sexuais incomuns”: “Men are said to provide sexual services for the women to belong to the king. The people in the South indulge in “sex below”, even in the anus” (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 66).

Tais passagens são de fato enigmáticas. Os cronistas hindus qualificam sexualidades fora do contexto heteronormativo no KS como *terceira natureza* (“*tritya prakriti*”), referindo-se a homens aparentando ser “homens” ou travestidos como mulheres, chamando ambas as categorias de “ela”. No sânscrito existem 3 gêneros, masculino, feminino e neutro, e os verbos são conjugados segundo voz, número e gênero (ver o verbete na *Encyclopaedia Britannica*, 1979). Deste modo, o idioma admite uma posição “neutra” entre masculino e feminino, daí a possibilidade de se pensar em termos inconscientes ou estruturais em uma terceira categoria²². Além disso, nesta língua, “natureza” é um substantivo feminino, o que engloba tal categoria de sexualidade “mista”. Em tais passagens vemos a descrição de felação praticada entre um *nagaraka* e um “travesti” também no papel de prostituta, e entre um *nagaraka* e outro

²¹ Na época, homens da elite costumavam usar como parte de seu vestuário brincos em ambas as orelhas feitos de ouro e pedras preciosas, além de gargantilhas, colares, anéis e braceletes. Os servos com tais adornos provavelmente eram criados pessoais de tais cidadãos.

²² Segundo outros relatos de literatos brâmanes em séculos posteriores, haveria 8 tipos de gêneros neutros (*sharhat*); por exemplo, uma categoria de homem que se excita “brincando com o pênis de outro homem” chamado *sisum* (CHATTERJEE, 2002, p. 71).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

do mesmo *status* em jogos sexuais de sedução até o clímax. Menciona-se também “homens jovens” e/ou servos numa possível alusão à pederastia.

Sobre o homoerotismo feminino, há curtas passagens no mesmo item sobre atos incomuns: “*with two women who are fond of one another, it is “sex in a cluster”. Done with many women, it is “sex with a herd of cows”* (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 65). No Livro IV, no capítulo “mulheres do harém”, foram registradas mulheres usando *dildos*, bulbos, raízes e frutas com a forma do órgão masculino ou estátuas de homens com características sexuais distintas quando estavam confinadas, como em haréns reais (a palavra local era *zenana*)²³. Algumas se travestiam com roupas masculinas usando instrumentos fálcos para satisfazerem umas às outras (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 130-131). Contudo, praticariam tais atos apenas na ausência de homens “reais”, não caindo na categoria de *tritya prakriti*. Já no *Dharmashastra*, há a menção de mulheres tirando a virgindade de garotas com o dedo, crime passível de punição severa: se for um ato entre virgens, a punição é pecuniária e mais dez chibatadas; se for entre uma mulher “madura” e outra virgem, sua cabeça deve ser raspada, dois de seus dedos cortados e a seguir ser exposta em público sobre um burro (DONIGER; SMITH, 2000, p. 191). Referindo-se a uma relação erótica entre dois homens, as leis eram mais vagas, colocando-a na categoria de *kliba* (palavra que não aparece no KS): um *não homem* “sexualmente disfuncional que poderia ser, de acordo com o contexto, impotente, homossexual, um travesti, ou, em alguns casos, um homem com órgãos sexuais mutilados ou com defeito”, e também, um deficiente mental. Outras fontes da jurisprudência hindu citam mais uma variante de *kliba*, *mukhabhaga*, “um homem que permite que sua boca seja usada como vagina” (DONIGER; SMITH, 2000, p. 58-59). De todo modo, tais “aberrações” não tinham direito à herança segundo a jurisprudência da época, e poderiam levar a uma “queda de casta” (DONIGER; SMITH, 2000, p. 257). Recomendava-se uma purificação ritual imediata do cidadão com banhos e recitação de mantras no caso de união sexual entre homens ou com mulheres de castas inferiores (DONIGER; SMITH, 2000, p. 268).

²³ Não é incomum nas histórias e iconografia da religião hindu o uso de instrumentos sexuais fálcos. Em mitos shivaístas coletados e analisados por Wendy Doniger, aparecem mulheres encontrando falos e venerando-os como o membro de Shiva (*lingam*), usando-o à noite para seu próprio prazer; esculturas no templo de Konarak mostram mulheres fazendo o mesmo, embora fosse uma prática proibida pelas leis hindus oficiais (ver O’Flaherty, *ibid*).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

O confronto entre fontes sânscritas mostra que o *nagaraka* não caía na condição desconfortável e perigosa de *kliba* em seus relacionamentos homoeróticos casuais, contanto que mantivesse sua potência viril e suas regras de casta. Ao tentarmos decifrar tais situações de homosocialidade, encontramos percalços interpretativos, uma vez que devemos decantar nas entrelinhas identidades de religião, *status*, diferenças regionais, sem perder de vista que se tratava de uma *sociedade hindu estratificada* contendo servos, homens livres e escravos (CHATTERJEE, 2002). Assim, não era moralmente condenável cidadãos respeitáveis, ricos e livres praticarem sexo oral entre si numa situação de amizade/intimidade onde eventualmente ou acidentalmente aconteciam carícias eróticas. Concluimos que folguedos e jogos sexuais masculinos ocorriam entre casados e solteiros, entre classes altas e subalternas, entre adultos e jovens, contanto que se mantivesse o *distanciamento social e a subordinação entre castas diferentes*. Esta conclusão é corroborada quando o intercurso anal é citado pelos brâmanes como praticado *apenas* pelos povos do sul, distantes em termos linguísticos e culturais. Trata-se aqui de outra área excludente envolvendo práticas da “terceira natureza”, já que a felação era de caráter prescritivo: os entendidos proibiam-na entre o *nagaraka* e suas esposas mas a permitiam com prostitutas e servos homens; desencorajavam, por outro lado, que altos oficiais do governo e reis, “homens de boa reputação” (CHATTERJEE, 2002, p. 67) a praticassem.

O KS, portanto, não temia ou mascarava a *ocorrência esporádica* de contatos homoeróticos, mas também não a afirmava como correta ou frequente. Podiam ser praticados dentro de imperativos permitidos nos quais a penetração anal era negada, criando outra *zona de exclusão* a partir de padrões socialmente aceitos de virilidade e pureza ritual. Com efeito, historicamente, o erotismo entre pessoas do mesmo sexo foi tolerado apenas dentro de limites estritamente prescritos (EDWARDS, 2006). Homens ou mulheres tendo relações com pessoas do mesmo sexo não os tornava homossexuais em termos identitários de “gay” ou “lésbica”, categorias históricas modernas produto do individualismo ocidental. Entretanto, uma posição sexual “invertida” onde os indivíduos estão de “ponta-cabeça” qualificava a cortesã como uma mulher “baixa” atraída por homens de castas inferiores e “patifes”. Trata-se aqui de um estado sexual poluente que inverte a hierarquia hindu tradicional referente ao sistema de castas, na qual os pés

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

referem-se aos servos (*sudras*) e a cabeça aos brâmanes, convertendo a cortesã num ser de “natureza invertida”, categoria similar à *tritya prakriti*. Daí a postura sexual “do corvo” ser colocada no mesmo capítulo referente ao sexo oral²⁴.

SÍNTESE: O PARADOXO DE SHIVA E O FASCÍNIO PELO ADULTÉRIO

*“What other action is there that brings
Pleasure in this world than to unite
with another’s man wife ?”*

Poema sânscrito,
Rasikaranjana,
(apud O’Flaherty, 1981, p. 66)

Vimos que o *nagaraka* se vangloriava em deixar marcas de arranhões e mordidas no corpo de suas amantes. Contudo, o adultério era um estigma social na Índia; se descoberto pelo marido as esposas poderiam sofrer punições severas nesta e na próxima vida, como ditava o *Dharmashastra*, no qual a mulher renasceria no útero de um chacal e seria atormentada pelas doenças futuras causadas por sua transgressão (DONIGER; SMITH, 2000, p. 116). Um rei deveria puni-la atirando-a a cães em um espaço público, de modo a todos presenciarem seu castigo; já o homem com quem ela coabitou deveria arder em uma cama de fogo. Aquele que cometesse adultério com uma dama de casta mais alta deveria ter seu pênis amputado e sua propriedade confiscada (DONIGER; SMITH, 2000, p. 192). Um governante deveria pagar uma multa, ter sua cabeça raspada e lavada com urina, enquanto um brâmane pagaria apenas um valor monetário. Em outra passagem, afirma-se que um homem que coabitou com a mulher de um brâmane tornava-se um “sacerdote-ogro”, um tipo de demônio (DONIGER; SMITH, 2000, p. 284). Notamos como as punições eram mais draconianas para mulheres em geral e homens de castas inferiores, e aqui parece haver um paradoxo

²⁴ Abordei a hierarquia do sistema de castas em outro lugar (VENCHI, 2020), mostrando que o Hinduísmo estabelece quatro espécies de pessoa a partir da cosmologia védica. O deus Purusha é desmembrado pelos outros deuses a partir de um sacrifício, ato que cria o Universo e as classes sociais: os brâmanes são a boca do ser sagrado; os governantes, os braços; as pernas, os comerciantes e agricultores; os pés, os servos. Havia também uma quinta casta pária, os *dalits*, “intocáveis”, evitados a todo custo e alvo de desprezo por parte das outras. Ao praticarem sexo oral ou inverterem posições “em cima” ou “embaixo”, as cortesãs e a *terceira natureza* caíam inevitavelmente numa condição poluente, tabu, por desobedecerem às ordens cósmica e social hindu.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

irreconciliável entre a busca de *kama* e as leis sociais onde a mulher parece estar em desvantagem.

No entanto, considerar apenas o argumento do desprezo masculino por suas parceiras limitaria nossa análise, deixando escapar um contexto mágico-religioso mais complexo. Shiva era um dos inspiradores do KS, e sua mitologia que entrelaça o *fogo do desejo sexual e o ascetismo* é fundamental para compreendermos a profundidade das implicações do adultério²⁵. Este deus aparece no *Mahabharata* como um ser casto, asceta, e ao mesmo tempo itifílico e assediador das esposas de outros ascetas humanos. Seu comportamento é sexualmente exibicionista: “*He sports with the daughters and wives of the sages, with erect hair, a great penis, naked, with an excited look. He laughs, sings, dances charmingly, speaks like a madman, speaks sweetly, laughs horribly [...] Siva violated a thousand sage’s wives*” (O’FLAHERTY, 1981, p. 173). Este sócia indiano do deus Baco ou de um sátiro dos bosques também é o *senhor do Kama Sutra*²⁶ ou o “senhor do deus Kama” quando este desposa a deusa Rati. Em outras sagas libertinas, Shiva incita Vishnu a estuprar a esposa de outros deuses; incentiva Indra a coabitar com a esposa de Gautama (Buda) e também faz Brahma cometer incesto com sua filha. Nos textos sagrados sobre o deus iogue em Duruvam (a floresta de pinheiros), o deus seduz as esposas dos sábios ascetas para dispersar o poder sagrado destes, já que sua força residiria na *castidade e virtude de suas esposas*.

Ao praticar o adultério, o objetivo do Grande Asceta do Hinduísmo é controlar a energia *tapas* – calor sagrado trazido pela meditação ioguista – dos homens encarnados e absorver esta energia cujo poder deriva da proteção espiritual de suas consortes, agora traidoras do voto conjugal, impuras. O conceito de *tapas* é fundamental ao mito da luta entre Kama e Shiva em um nível mais profundo, pois trata-se da sublimação interna de impulsos do indivíduo. Shiva suprime sua inclinação à lascívia por meio do *calor sagrado do ascetismo*, a combustão que ocorre no corpo do iogue no processo de

²⁵ Os textos sagrados hindus onde os mitos shivaístas aparecem em versões diferentes e elaboradas incluem as escrituras do *Mahabharata*, *Ramayana*, *Puranas* antigos e tardios, *Atharva Veda*, *Upanishads*, todos compostos séculos antes do KS (ver a extensa compilação de tais textos por Wendy Doniger em O’Flaherty, *ibid*).

²⁶ É fácil compreender esta alcunha de Shiva: enquanto praticava Yoga, passava o tempo livre inventando 84 milhões de posições sexuais, das quais 84 mil teriam sobrevivido; entre estas, 729 eram possíveis de se praticar por iogues. Esta divindade também meditou sobre a natureza da droga pó-de-cantáridas, conhecida como um afrodisíaco, e outros assuntos de alcova (cf. O’Flaherty, *ibid*, p. 175).

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

meditação em busca da Realização. Em um nível humano, *tapas* restaura o poder dos ascetas após perderem energia em atividades sexuais com suas esposas; daí o fogo de Kama ser alimentado pelo calor de *tapas* (O’FLAHERTY, 1981). Esta razão mágico-religiosa para o adultério se confirma em outra narrativa sobre como Visnu poderia derrotar o demônio Jalandhara, criado pelo próprio Shiva: “*You must break the fidelity of his wife, for there is no dharma like the dharma of wifely fidelity*” (O’FLAHERTY, 1981, p. 179). No Hinduísmo as esposas são assistentes dos maridos nos rituais de sacrifícios ao deus, de forma que não podiam ser poluídas ou maculadas com um ato sexual moralmente condenável, fora da sacralidade do matrimônio. Os homens sábios/iogues, vale dizer, portavam poderes mágicos contanto que seus corações e o de suas cônjuges permanecessem não contaminados, livres da luxúria.

Tal foi o ardil utilizado por Shiva para proveito próprio, transferindo o *tapas* do ascetas para si mesmo. Posto que, na filosofia hindu, nada se perde, *tudo é transferido*, renascido, transmutado; esta é a lei do *karma*. O prazer proibido em seu unir com a mulher alheia revela a volúpia direcionada para a competição e subjugação de outros homens. Daí o paradoxo de Shiva enquanto *asceta erótico* refletir-se na mentalidade contida no KS, mostrando que os aspectos sexuais e sagrados eram considerados simultaneamente na Índia: *Shiva era iogue porque era também amante, agressor, “dionísico”*. Esta coexistência de valores opostos é bem ilustrada pelo seguinte poema ou oração em sânscrito:

May the three eyes of Shiva protect you/when at the time of his meditation they are divided in three moods/one is closed in yogic meditation/the second, however, lusts greatly/while looking at the hips and breasts of Parvati/and the third blazes with the fire of anger against Kama/who was thrown his bow far away (SKANDA, EM PURANAS apud O’FLAHERTY, 1981, p. 251).

Não por acaso, fontes sânscritas estabelecem dois tipos de união sexual; o chamado amor *parakiya*: “adultério”, uma forma de contato com Shiva, atingindo-se a imortalidade pela “Realização espiritual”; e amor *svakiya*: “legal”, a coabitação com a esposa gerando progênie, inútil para propósitos religiosos, porém passível de chegar-se à imortalidade através dos filhos (O’FLAHERTY, 1981, p. 266). O KS enfatiza apenas o amor *parakiya*, mais fascinante para a imaginação masculina do ponto de vista da

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

libertinagem mágica. Assim, muito além de tentarem reproduzir os princípios de sua religião, os *nagarakas* e brâmanes pretendiam ganhar prestígio social e político, e uma das formas era a aspiração ao adultério, à revelia de suas próprias leis morais. Praticando-o ou não numa situação real, tratava-se de outra *impactante fantasia sexual de poder* presente nas linhas do tratado erótico. Daí O’Flaherty (1981, p. 18) afirmar “*the mythologist is merely reassembling what the culture as a whole has fragmented*” e esta é a função do etnógrafo, trazer sentido ao aparente caos do mito, das práticas sociais, dos sentimentos compartilhados na linguagem e de seus pontos de interseção ou contradição.

O biógrafo de Burton, Edward Rice (1998) já chegara a uma conclusão semelhante sobre os objetivos do KS quanto ao seu uso para a ascensão social masculina, afirmando não haver “hipocrisia ou ambiguidade na obra”, na qual “o homem pode possuir e controlar as mulheres que quiser, utilizando-as para suas finalidades pessoais” (RICE, 1998, p. 460). Seu comentário foi impreciso quanto à ausência de ambiguidades hipócritas, pois havia uma rígida demarcação de papéis subordinados em zonas perigosas de exclusão e abuso. Mais do que ser uma obra destinada à manipulação alheia, é possível notar preocupações sobre sexo anal, prostitutas, adultério e impotência, criando corpos subalternos sujeitos à autoridade de seus superiores por meio do socioleto erótico. O *nagaraka* e as cortesãs eram informantes do brâmane, e estes compunham seus tratados para consulta, informação, autoexcitação e consumo dentro de um círculo fechado em sintonia e comunhão: uma confraria de janotas “respeitáveis” e presunçosos. Para além da generalização de que todas as mulheres eram como “arroz cozido”, o padrão narrativo do KS derivado do misticismo shivaísta, revela em suas entrelinhas inseguranças sexuais e emocionais vividas por homens relacionando-se com outros homens e mulheres na sociedade indiana pré-moderna, assim como situações de abuso vivenciadas por estas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si** – uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 1995.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

BURTON, Sir Richard Francis. **The Kama Sutra of Vatsyayana** – the Classic Burton Translation. New York: Dover Publications, 2006.

CHATTERJEE, Indrani. Alienation, intimacy and gender: problems for a history of love in South Asia. In: VANITA, Ruth (org.). **Queering India** – same-sex love and eroticism in Indian culture and society. New York: Routledge, 2002. p. 61-76.

COUTO, Hildo Honório do. Comunhão e Comunicação In: COUTO, Hildo Honório do. **O Tao da Linguagem** – um caminho suave para a redação. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 69-102.

DONIGER, Wendy; KAKAR, Sudhir. **Kama Sutra**. London: Running Press, 2003.

DONIGER, Wendy. **Redeeming the Kamasutra**. New York: Oxford University Press, 2016.

DONIGER, Wendy; SMITH, Brian K. **The Laws of Manu**. Noida: Penguin Books, 2000.

EDWARDS, Tim. Identity and desire: gay male sexuality and masculinity. In: EDWARDS, Tim. **Cultures of Masculinity**. London: Routledge, 2006.

EL FAR, Alessandra. Introdução e Romances para homens. In: EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação** – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 184-272.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres Perigosos** – erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. **Etnográfica**, v. 19, n. 2, p. 247-265, 2015. Disponível em: www.journals.openedition.org/etnografica/3981. Acesso em: 24 maio 2022.

LENHARO, Mariana. Abuso de álcool aumenta risco de sofrer assalto e estupro. **G1-Globo.com**, São Paulo, 16 maio 2014. Disponível em: www.g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/05. Acesso em: abr. 2022.

O'FLAHERTY, Wendy Doniger. **Siva** – The Erotic Ascetic. New York: Oxford University Press, 1981.

RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton** – O agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as Mil e Uma Noites para o Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

SWEET, Michael J. Eunuchs, lesbians and other mythical beasts: queering and dequeering the Kama Sutra. *In: VANITA, Ruth (org.). **Queering India** – same-sex love and eroticism in Indian culture and society. New York: Routledge, 2002. p. 77-84.*

THAPAR, Romila. The evolution of the Classical pattern. *In: THAPAR, Romila. **A History of India** – volume I. London: Penguin Books, 1990. p. 136-166.*

VANITA, Ruth. Introduction. *In: VANITA, Ruth (org.). **Queering India** – same-sex love and eroticism in Indian culture and society. New York: Routledge, 2002. p. 1-11.*

VENCHI, Mariane. **A Sedução Interrompida** – sexualidade e poder em narrativas árabe-muçulmanas sobre a circuncisão feminina. Orientadora: Mariza Corrêa. 2008. 227p. (Dissertação – Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

VENCHI, Mariane. Corpos prânicos e política tântrica : representações de erotismo e guerra nos templos indianos de Khajuraho. *In: **Novos Olhares Sociais**, UFRB, volume 3, número 2, p.259-282, 2020. Disponível em www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/issue/view/21.*

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

ANEXO I

Conteúdo do manual erótico *Kama Sutra*: tradução do sânscrito de Wendy Doniger e Sudhir KakarLivro I – Observações gerais

Cap. I – Meios de atingir os três objetivos da vida humana

Cap. II – Exposição das artes

Cap. III – Razões para se tomar a esposa de outro homem

Livro II - Sexo

Cap. I – Tipologia sexual de acordo com tamanho (anatomia), duração e temperamento

Cap. II – Abraços (amplexos)

Cap. III - Beijos

Cap. IV - Arranhar com as unhas

Cap. V - Morder

Cap. VI – Costumes de diferentes regiões

Cap. VII - Variedades de posições sexuais

Cap. VIII - Atos sexuais incomuns

Cap. IX - Bater e queixar-se/chorar

Cap. X - A mulher fazendo o papel de homem

Cap. XI - As estocadas sexuais do homem

Cap. XII - Sexo oral

Cap. XIII - O fim do sexo

Livro III - Virgens

Cap. I - Ganhando a confiança de uma virgem

Cap. II - Estratagemas desonestos para o casamento

Livro IV - Esposas

Cap. I – A vida de uma esposa única

Cap. II - A esposa mais antiga (primeira)

Cap. III - A esposa mais nova (recente)

Cap. IV - A mulher de segunda mão (viúva)

Cap. V - A esposa não-amada

Cap. VI - Mulheres do harém

Livro V - Esposas de outros homens

Cap. I - Sobre a natureza característica de homens e mulheres

Cap. II - Causas da resistência (feminina)

Cap. III - Homens que obtêm sucesso com mulheres

Cap. IV - Mulheres que podem ser tomadas sem esforço

Cap. V- Tornando-se íntimo

Cap. VI - Penetrando no harém

Cap. VII - Vigiar as mulheres

Orgasmos politizados, naturezas invertidas: prazer, violência e homoerotismo no *Kama Sutra* – Mariane Venchi – p. 247-279

Livro VI - Cortesãs

Cap. I - Dando ao amante o que ele quer

Cap. II - Sinais de que a paixão dele (ereção) está diminuindo

Cap. III - Meios de se livrar dele

Livro VII - Erotica Esoterica

Cap. I - Colocando alguém em seu poder

Cap. II - Estimulantes para a virilidade

Cap. III - Reacendendo a paixão exaurida

Cap. IV - Métodos para aumentar o tamanho do órgão masculino

Cap. V - Técnicas incomuns

Recebido em: 11/07/2022

Aprovado em: 11/09/2022